

Um ambiente de desânimo no contato com imprensa

ROBERT APPY
Enviado especial

WASHINGTON — A conferência de imprensa com o presidente do comitê interino e o diretor-gerente do FMI costuma ser o ponto alto do encontro anual. Não o foi este ano, ainda que pela primeira vez os jornalistas tenham sido convocados para um local tão importante para o destino de muitos países: a austera sala em que se reúne o board do FMI. Nesse lugar, que reflete a gravidade das decisões dos responsáveis por um organismo que Keynes havia sonhado transformar em banco central dos bancos centrais, e que hoje está cada vez mais desempenhando essa função, sem ter, entretanto, o poder essencial de emitir recursos monetários, transpirava um ar de desânimo.

O presidente do comitê interino, Willy de Clercq, ministro das Finanças da Bélgica, reconheceu ter sido extremamente difícil chegar a um compromisso sobre questões técnicas de extrema delicadeza, mas que o compromisso é altamente positivo. Efetivamente, está permitindo ao FMI dar alguma segurança aos bancos comerciais, aos quais tem de pedir cooperação para permitir aos países em crise saírem da situação dramática em que se encontram. Com a decisão do comitê interino, mais uma vez o FMI estava saindo fortalecido.

É na mesma linha de otimismo que o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, procura manter-se. Para ele, podem ser verificações os progressos alcançados desde a reunião de Toronto, no ano passado. O mal-estar que existia em consequência da crise mexicana já pertence ao passado e o próprio exemplo do México mostra que é possível sair da crise. De Larosière achou oportuno prestar uma homenagem ao governo e ao povo mexicanos que ao terem confiança no programa de ajuste do FMI conseguiram resultados incontestáveis.

Na opinião do diretor-gerente do organismo internacional, o FMI, em um ano, adquiriu grande experiência

para exercer seu novo papel de coordenador do processo de renegociação das dívidas externas, nos seus contatos com os países devedores, os bancos centrais, o BIS (Banco de Pagamentos Internacionais) e outros organismos internacionais. A crise, hoje, é certamente menor do que há um ano e a esperança de que a economia dos países industrializados se consolide justifica o otimismo.

Jacques de Larosière mostrou-se irritado quando um jornalista criticou os programas de ajustamento impostos a países como o Brasil. Para poder melhor defender seu ponto de vista, pediu desculpa por falar em francês, a fim de que suas posições ficassem bem claras. Um país em desenvolvimento que enfrenta déficit no balanço de pagamentos não tem outra solução a não ser cortar seus gastos internos e suas importações.

Seria injusto acusar o FMI de propor medidas das quais não pode escapar. Na opinião do diretor do FMI, no entanto, a intervenção do organismo internacional é altamente positiva para o país devedor e está contribuindo para reduzir a extensão da recessão. Com a sua intervenção, o FMI fornece recursos ao país devedor e assim lhe permite importar mais. Além disso o FMI está dando maior segurança aos países e organismos credores, o que permite à nação devedora receber recursos cinco vezes maiores do que os fornecidos pelo FMI. O FMI, no seu papel catalisador — afirma de Larosière — reduz o tempo e a dimensão do processo de reajuste.

Talvez Jacques de Larosière tenha sido o único a ficar aliviado depois da reunião do comitê interino, pois havia sentido a ameaça seria pela qual passara o FMI depois da declaração de Donald Regan. Mais uma vez se verificou que ao se apresentarem perspectivas excessivamente negras consegue-se a aceitação de soluções que estão longe de ser satisfatórias. A realidade é que existe uma grave crise de liquidez internacional e que por enquanto a tendência dos países ricos é mais de reduzir essa liquidez do que de aumentá-la.